



Montagem com revistas Lacerba

LIVRO

O LADO OCULTO DO FUTURISMO FLORENTINO

ASTRID FAÇANHA - ABCA/SP

Lacerba e o Futurismo Fiorentino (Edusp, 2025, 392 páginas) surpreende, antes de mais nada, pelo fôlego em alcançar uma obra de tamanha envergadura. O livro é resultado de uma pesquisa de seis anos, a maior parte desenvolvida pela professora, doutora e crítica de arte Annateresa Fabris na Itália, e que acabou se desdobrando em duas teses: “Il Futurismo Fiorentino”, defendida na Universidade de Nápoles, em junho de 1983, e “Futurismo: uma Poética de Modernidade”, com a qual a crítica obteve o título de doutora em Artes na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 1984.

Fontes primárias, como cartas trocadas entre amigos e desafetos e artigos publicados nas revistas vanguardistas, mostram os bastidores de um lado do futurismo ofuscado pelas estrondosas manifestações da vertente milanesa, protagonizada por Marinetti e seus seguidores. *Lacerba*, considerada uma das mais importantes revistas da vanguarda artística italiana do início do século XX, publicada na cidade de Florença de 1913 a 1915, é o palco

de um enredo que gira em torno de três personagens fundamentais para o futurismo, porém, menos conhecidos: Giovanni Papini (1881-1956), Ardengo Soffici (1879-1964) e Aldo Palazzeschi (1885-1974).

O florentino Papini, redator, ensaísta, escritor, poeta, crítico literário e filósofo, era uma figura polêmica, com seus artigos provocadores que atacavam o conformismo cultural. Quando se reconhece no futurismo, não esconde suas limitações com o movimento e deixa claro que não se curvaria aos dogmas. Seus motivos antipassadistas, fatalistas e nacionalistas se entrecruzam com a ideologia futurista, que para ele só pode ser confundida com o pragmatismo como possibilidade de modificação e renovação do mundo.

Papini foi um importante teórico e crítico do futurismo e dispensou imensa energia escrevendo sobre o movimento em artigos como “*Il passato non esiste*” (15 de janeiro de 1914) e “*Il significato del Futurismo*” (1º de fevereiro de 1913) – este concebido dialeticamente de forma negativa,

pondo em xeque o aspecto mais trivial do movimento de Marinetti: o amor pelo barulho, pelo reclame, pela ênfase e pelo hiperbólico.

Ardengo Soffici, artista, ensaísta e crítico de arte mordaz, havia residido em Paris no Bateau-Lavoir, escrevia sobre as vanguardas artísticas e era respeitadíssimo por todos, inclusive por Apollinaire, que o considerava uma das grandes vozes das vanguardas. Ao visitar a “Exposição Futurista de Arte Livre”, em Milão, ataca com inusitada violência o grupo de artistas com artigo publicado na revista *La Voce*: “*Arte Libera e Pittura Futurista*” (22 de junho de 1911). Inconformados com a aspereza da crítica, os futuristas foram até Florença para retaliar fisicamente.

Mais tarde, Soffici reconciliou-se no artigo “*Ancora del Futurismo*”, sobre a exposição parisiense “*Pintores Futuristas Italianos*”, realizada entre 5 e 24 de fevereiro de 1912, da qual participaram Boccioni, Carrà, Russolo e Severini. Apesar da rispidez nas ponderações, inclusive

estéticas, o crítico reconheceu o valor do futurismo como movimento de renovação. Em 1920, publica o livro *Primi principi di una estetica futurista* (Vallecci Editora).

Aldo Palazzeschi era o poeta do grupo dos florentinos, e sua poesia, fonte de inspiração para o tom irreverente, porém crepuscular e distópico, da revista. Fez a ponte entre os lombardos e os toscanos, e *Lacerba* passou a receber contribuições regulares de Filippo Tommaso Marinetti, Umberto Boccioni, Antonio Sant’Elia e Carlo Carrà. A revista chegou a publicar vários manifestos dos futuristas, inclusive o “Programa Político Futurista”, com comentário de Papini, de 1914.

Porém, as desavenças logo começaram. Tão iconoclastas quanto a turma industrial de Milão, Papini, Soffici e Palazzeschi, por outro lado, defendiam o resgate da poesia da esfera da utilidade. Isto é, visavam retirá-la de qualquer compromisso cívico, didático ou instrutivo, para conduzi-la à sua primeira e verdadeira matriz, qual

seja, “a expressão desinteressada, impulso lúdico, explosão de energia vital”, segundo nos conta a autora, a partir da proposta estética derivada de Palazzeschi: a arte como livre jogo, como criação do momento e para o momento.

Annateresa Fabris pondera em seu livro que, talvez no plano estético, uma das contribuições mais importantes dos florentinos para os pontos fundamentais da versão lacerbiana do futurismo viria dessa proposta poética de Palazzeschi: do “homem puro”, “vida pura”, “poesia pura”, “pensamento puro”. O poeta (e o artista) deveria oferecer ao leitor/espectador nada mais do que imagens claramente coloridas, de ritmo livre e fantasia.

Enquanto o artista futurista cria visando a um interlocutor, o artista que surge da visão de Soffici e Papini é um ser associal ou a quem não interessam as relações com a sociedade, voltado para a concretização das próprias emoções líricas. Em fevereiro de 1914, começa a polêmica entre Papini e Marinetti

devido à fé exacerbada no progresso, deste último. Até o final do ano, o grupo Lacerba já havia rompido com os futuristas, terminando uma colaboração que havia durado 24 edições, de março de 1913 a março de 1914.

Em fevereiro de 1915, a revista *Lacerba* publicou um artigo assinado por Palazzeschi, Papini e Soffici com o título “*Futurismo e Marinettismo*”. No artigo, os florentinos afirmavam ser os verdadeiros futuristas e os futuristas milaneses, meros “marinettistas” (possível trocadilho com marionetes?). Foi o último grito do futurismo florentino. A revista parou de ser publicada em 22 de maio de 1915, dois dias antes de a Itália entrar na Primeira Guerra. No final das contas, as duas vertentes do movimento nunca deixaram de ter uma sólida base em comum, a ideologia nacionalista/imperialista facista.

Conforme nos revela a autora, no Brasil, a obra de Papini era não apenas conhecida mas muito apreciada pelos modernistas paulistanos. *L’Esperienza Futurista* (1919), livro

no qual o escritor florentino faz um balanço crítico de suas relações com o futurismo e apresenta sua visão pessoal do movimento, integrava a biblioteca de Mário de Andrade, Yan de Almeida Prado e possivelmente outros.



Lacerba e o Futurismo Italiano, de Annateresa Fabris, 392 páginas. Lançado pela Edusp - Editora da Universidade de São Paulo, 2025

ASTRID SAMPAIO FAÇANHA

Jornalista, bacharel em Comunicação Social, mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora em Artes na pós-graduação em Estética e História da Arte na Universidade de São Paulo, na linha de pesquisa em Teoria e Crítica de Arte, orientada pela professora dra. Lisbeth Rebollo. Professora universitária, pesquisadora, autora de livros, artigos científicos, artigos em periódicos e textos para exposições de arte e desfiles. Entre suas principais publicações estão o livro *Arte do Vestuário* (Minc/Editora The Way, 2017) e a co-organização da obra *Styling: criação de imagem de moda*.